

EP 21 – REINALDO MORAES

Um dos livros que fizeram mais minha cabeça, eu li quando eu tinha mais ou menos vinte anos, dezenove para vinte anos, foi o “Jogo da Amarelinha”. Eu li primeiro em português e eu fiquei tão maluco com o livro que eu comprei em espanhol também.

Eu li dezenas, dezenas de vezes, tanto que o livro está nesse estado que você está vendo. É uma edição assim que muita gente leu esse livro aqui, na América Latina toda.

É um livro, para começo de conversa, que o Cortázar sugere que você leia de duas formas: ou você lê do primeiro ao capítulo cinquenta e seis, em ordem linear, ou você vai lendo em uma outra ordem, saltada, daí a ideia do jogo da amarelinha. Então tem esse aspecto formal lúdico, que para um garoto de vinte anos, é extremamente sedutor esse esquema.

-

E o livro também, se trata de um bando de argentinos. Um bando de argentinos não, um argentino, que na verdade é um falso narrador em terceira pessoa, que continua sendo o Oliveira, que é esse personagem, que é um exilado, mas é um auto-exilado, não é um exilado político, é um exilado existencial.

Ele é um cara que vai pra Paris em busca de nada, e lá ele vive um amor, uma paixão, por uma uruguaia que está lá também mais ou menos com esse mesmo propósito, um auto-exílio existencial. E eles têm um romance totalmente lúdico, eles não marcam de se encontrar, eles saem na rua e se encontram.

Mesmo ele escrevendo um livro que bagunça com a ideia da narrativa clássica, ainda você tem uma grande narrativa novelesca. Apesar desse ludismo saltitante da construção do livro, ainda é uma coisa que você acaba de ler aquilo e está tudo na sua cabeça, e tem páginas magistrais.

-

Eu li o livro em setenta, mas uns dez, quinze anos atrás, eu peguei o livro de novo e comecei a achar um pouco retórico demais. Exatamente aquilo que me encantava tanto, aos vinte anos, que era o uso que o Cortázar faz da linguagem formal, só que ele usa essa ultraformalidade com ultraironia também, de uma forma extremamente irônica. Mas há quinze anos atrás, eu relendo, o que saltou aos olhos foi o aspecto retórico e formal desse espanhol clássico, que ele vai aos poucos bagunçando com humor e ironia.

E eu meio que falei “puxa vida”, eu fiquei até um pouco decepcionado, o que sobrou mais foi esse aspecto retórico da linguagem. Mas o ano passado o Cortázar fez cem anos, e eu praticamente reli inteiro o “Rayuela”, reli inteiro. E aí, essa impressão, até meio esnobe da minha parte, de achar o Cortázar meio retórico demais, se esvaiu completamente e voltou, retornou, essa paixão dos meu vinte anos, por esse jeito de

manipular a linguagem ludicamente, com espírito de moleque mesmo e aí isso realmente voltou muito forte, eu me apaixonei de novo pelo Cortázar.